

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

ABINAIRA PIASSA¹

THAÍS REGINA SILVA DO NASCIMENTO NOVAIS²

RENATA SIEIRO FERNANDES³

RESUMO:

O artigo visa identificar conceitos e ideias relativas aos bebês e ao aprender, entendendo-os como seres independentes e autônomos ao conceito de criança e no lugar do ensino a adoção da aprendizagem como fazendo parte dos modos constitutivos dos bebês. Estes se movem motivados por uma curiosidade natural pelo mundo e por exercícios de exploração, investigação e pesquisa que vêm a provocar experiência. Toma-se como objeto de estudo o documentário francês, “Babies” que apresenta o cotidiano de quatro bebês, desde seu nascimento até o primeiro ano de idade, localizados em diferentes espaços-tempos. O referencial teórico baseia-se em autores/as da Sociologia da Infância. Metodologicamente, trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa e de tipo descritivo e analítico. As análises servem de parâmetros para se repensar a postura dos adultos no trato com os bebês, especialmente em contextos familiares e institucionais escolares, de modo a deslocar pensamentos, posturas e lógicas já instauradas e impostas numa relação assimétrica de saber-poder, em que a improvisação e o acontecimento imperam.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; Aprendizagem; Bebês.

ABSTRACT:

The article aims to identify concepts and ideas related to babies and when learning. Babies are understood as independent and autonomous to the concept of child and instead of focusing on teaching, they choose to focus on learning as part of the ways of constituting babies. They move motivated by curiosity about the world and by exploration, investigation and research exercises that provoke experiences. The object of study is the French documentary, “Babies”, which presents the daily life of four babies, from birth to the first year of age, located in different space-times. The analysis is based on authors from the Sociology of Childhood. Methodologically, it is an exploratory study, with a qualitative approach and a descriptive and analytical approach to the objectives. The analyzes offer parameters to rethink the posture of adults in the treatment of babies, especially in family and institutional school contexts, in

¹ Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, unidade Americana-SP. E-mail: nayrapiassa@gmail.com.

² Graduanda de Pedagogia do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, unidade Americana-SP. E-mail: thaisnovais09@gmail.com.

³ Pedagoga, mestre, doutora e pós-doutora em Educação pela UNICAMP, docente do curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, unidade Americana-SP. E-mail: renata.fernandes@unisal.br/rsieirof@hotmail.com.

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

order to displace thoughts, postures and logics already established and imposed in an asymmetrical relationship of know-power, in which improvisation and the emergence of events prevails.

KEYWORDS: Child education; Learning; Babies.

INTRODUÇÃO

Mas, por onde anda toda aquela estranha misteriosa, feia, desajeitada e incompreensível energia para a experimentação, tão natural nas crianças? [...] Como é que conseguimos destruir a criatividade e essa capacidade natural para a pesquisa que as crianças possuem? (HOLM, 2004, p. 81 e 92).

Na epígrafe, Holm (2004) destaca a capacidade de exploração tão comum e natural entre as crianças, estas que estão sendo apresentadas ao mundo na vitalidade de suas existências, no tempo presente, imersas em práticas e processos educativos que tomam assento no repertório cultural das sociedades e comunidades em que tomam parte.

Neste artigo, o intuito é identificar conceitos e ideias relativas aos bebês e ao aprender, entendendo-os como seres independentes e autônomos ao conceito de criança e, no lugar do ensino, a adoção da aprendizagem como parte dos modos constitutivos dos bebês, motivados por uma curiosidade natural pelo mundo e por exercícios de exploração, investigação e pesquisa que vêm a provocar experiência.

Metodologicamente, coteja-se o referencial teórico escolhido com o conteúdo apresentado no documentário “The Babies” (2010), do diretor francês Thomas Balmes, realizado e exibido recentemente nos cinemas.

Desta forma, espera-se ser possível conhecer e reconhecer o que podem os bebês, como estes são curiosos e exploradores do mundo e como aprendem por meio de suas pesquisas, tendo ou não maior ou menor presença e proximidade adulta e maior ou menor diretividade por parte deles.

Por prospecção das análises dos dados construídos, tem-se, ainda, a intenção de ajudar os/as educadores/as a pensarem e a repensarem os modos pelos quais os adultos e as instituições criam e organizam a educação da infância em diferentes contextos.

Ao priorizar mostrar a perspectiva dos bebês, o diretor provoca no espectador o repensar do paradigma adultocêntrico e o foco nos modos próprios do meio urbano, suas supostas comodidades e facilidades, bem como a forte presença da tecnologia e das mídias digitais.

MÉTODO

Este estudo exploratório, de abordagem qualitativa, de cunho descritivo e analítico, toma um documentário como objeto de análise a partir de seus conteúdos exibidos e seus efeitos em quem o assiste, sob o ponto de vista educacional, tomando aspectos que se mostram importantes e relevantes para se pensar a educação de bebês.

O audiovisual é um produto cultural que pode ser construído, montado e lido como um texto ou uma narrativa em que aparecem, no percurso temporal-espacial, imagens e sons, reapresentando e interpretando aspectos da realidade, condensada em algumas horas ou minutos. (ALMEIDA, 1994)

É sempre produto de sua época, difundindo e mediando perspectivas históricas, sociais e culturais. Ainda que traga recortes da realidade que transcorre no cotidiano, o documentário é um produto ficcional e, neste sentido, permite e estimula que os espectadores façam projeções de si naquilo que veem e ouvem. Neste aspecto, interessa valer-se dessa condição para reconhecer como toca e afeta os sujeitos pela via sensível, bem como pela inteligível, ou seja, o que dá a pensar sobre o conteúdo e o que dispara para além dele. (DUARTE, 2002)

“The Babies” é um documentário feito em 2010, pelo diretor francês Thomas Balmes, que viajou por quatro países distintos, localizados, geograficamente, no eixo norte-sul e no centro-oeste, sendo eles Namíbia, Mongólia, Japão e Estados Unidos, observando e registrando a vida de quatro bebês, Ponijao, Bayarjargal, Mari e Hattieuma, respectivamente, em seus ambientes familiares e no cotidiano.

O diretor não se propõe a contar uma história em particular e nem busca intervir no que acontece, mas acompanha o que há de singular e de comum no crescimento, desenvolvimento e aprendizagens dos bebês tanto no ocidente quanto no oriente do planeta. Também não assume a condução um narrador que apresenta e explica o que se passa no vídeo, deixando a cargo da imaginação do espectador estabelecer os nexos pela percepção de aspectos convergentes ou peculiares.

As gravações das cenas são feitas em um tempo longitudinal, iniciando-se a partir do final do período gestacional das mães até o nascimento dos filhos e o processo de desenvolvimento e aprendizado destes até o 1º ano de vida.

Metodologicamente, procedeu-se da seguinte forma: a) assistir o documentário; b) fazer anotações pessoais a partir do que o documentário provocou em termos de sensações e

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

de pensamentos; c) elencar trechos ou episódios para análises pontuais; d) relação com conceitos e ideias de autores no campo da educação e da educação de bebês.

As categorias principais que nortearam as análises são: a) relação espaço-tempo; b) liberdade e controle; c) postura dos adultos; d) interação entre bebês; e) aprender.

E os conceitos e ideias que embasam as análises partem da Sociologia da Infância, especialmente, de autores que defendem que os bebês não são crianças, constituindo-se como uma categoria teórico-conceitual autônoma e independente.

RESULTADOS

Os bebês que aparecem no documentário são, brevemente, apresentados a seguir de forma que seja possível conhecê-los em suas particularidades culturais e em seus processos de aprendizagem cotidianos.

Ponijao

Um dos bebês apresentados no documentário é Ponijao, nascido na Namíbia, que após o nascimento possui uma relação intrínseca com a mãe, que ao tomar seu filho nos braços, limpa-o com sua própria boca e aconchega-o em seus seios. E toda relação corpo a corpo, pele com pele, entre mãe e filho, segue o seu percurso durante todo o processo de desenvolvimento do bebê.

Na Namíbia, todas as mães que dão à luz e possuem leite nos seios não o guardam apenas para seus filhos, mas o compartilham com todos os outros bebês da comunidade. Por exemplo, Ponijao durante o seu crescimento e desenvolvimento cultural e social, não se amamenta apenas em sua mãe, mas em todas as outras mães lactantes. E assim acontece o processo de socialização entre eles e todas as suas relações sociais se desenvolvem em torno da convivência do compartilhar, do aprender com o outro, do dividir conhecimento e do descobrir com o próprio corpo em um tempo que transcorre em uma sensação de vagar.

Ponijao é o caçula de nove irmãos. Em sua tribo, a figura feminina é predominantemente presente no seu dia-a-dia e a figura masculina não aparece nas filmagens. As mulheres aparecem caminhando com seus bebês e crianças ou conversando entre si enquanto eles circulam e exploram o ambiente ao redor, recebendo, eventualmente, repreensões e estímulos.

A comunidade vive em um ambiente rural desértico, passando a maior parte do tempo do lado de fora de suas casas. Animais como cavalos, burro e diversos cachorros convivem naturalmente no meio deles.

Os bebês têm total liberdade de explorar o mundo a sua volta e, geralmente, ficam livres pelo chão de terra, sem o uso de fraldas ou vestes, apenas usando adornos no pescoço e na cintura. Embora os bebês possuam autonomia para explorarem o espaço aos seus modos, encontram-se supervisionados por pessoas no ambiente, raramente ficando completamente sozinhos.

A mãe, ao realizar seus afazeres do dia-a-dia, fica com o bebê amarrado em um pano as suas costas, ou simplesmente deixa-o brincando no chão perto dela, das outras mulheres e das outras crianças, que interagem com ele frequentemente.

O contato e a interação de Ponijao com seus irmãos são contínuos. Nota-se que ainda muito pequeno, ele já fica no colo das outras crianças, por menores que sejam. E conforme cresce e se desenvolve vai aprendendo sobre o mundo físico e social observando as demais crianças. Por exemplo, é dessa mesma forma que Ponijao descobre o órgão genital, uma vez que a nudez expõe o corpo a curiosidade e estimula descobertas.

Os conflitos entre bebês e crianças, por vezes, precisam da intervenção da mãe, que lhes chama a atenção verbalmente ou oferece limite corporal.

O aprendizado do bebê Ponijao dá-se muito pela convivência em comunidade, tendo como prioridade a relação corpo-a-corpo, que é algo constante. A socialização acontece até mesmo durante a amamentação quando os bebês se amamentam cada um em um seio de uma única mãe.

O processo de higienização é totalmente feito pela própria mãe, que lambe a pele do bebê e joga a sujeira juntamente com sua saliva. O bebê é sempre colocado em seu colo para defecar e após o ato ela limpa o local com uma espiga de milho, em um processo totalmente natural. Os brinquedos de Ponijao são pedras, paus e torrões de barros encontrados pelo chão.

Ponijao é exposto a sons de instrumentos artesanais e sons produzidos pela mãe. No início de seus primeiros passos, tem o equilíbrio estimulado por meio da sustentação de um objeto em sua cabeça, com o qual ele tenta andar sem deixá-lo cair, incentivado pela mãe e as outras crianças.

Sua cultura é de base oral e pré-industrial, portanto, os princípios educativos tomam como parâmetros a natureza como fonte direta de conhecimento e contato, a palavra e o gesto consensuado na comunidade como tradição.

Nota-se, claramente, pelo olhar do diretor que, com o passar dos meses, Ponijao desenvolve seus sentidos, autonomia e independência.

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

Bayarjargal (Bayar)

Na Mongólia, Bayarjargal é um bebê nascido em zona rural e que possui apenas um irmão de, aproximadamente, sete anos.

Após o nascimento, ele não possui contato corpo a corpo com a sua mãe, porque os bebês são embrulhados quase que totalmente em um manto amarrado com fitas que envolvem o corpo do bebê, deixando apenas a sua cabeça para fora. Esse procedimento mantém o bebê aquecido, mas o impede de fazer qualquer tipo de movimento com os braços, fazendo com que o contato entre mãe e filho seja mínimo e não exista a relação pele a pele.

Embora seja possível supor que exista uma mãe, sua presença no documentário é pequena e a figura paterna em momento algum se apresenta ou é mencionada.

A casa, na realidade, uma tenda, por estar localizada em uma zona rural possui ao seu redor a presença constante de animais como bois, vacas, bezerros, ovelhas além de um gato domesticado, dando assim vida ao ambiente cercado por estepes.

As filmagens mostram que, durante o desenvolvimento do bebê, o maior controle que aparece é a contenção física durante seus primeiros dias de vida, quando ele é impedido até mesmo de mexer as pernas por se encontrar quase que totalmente embrulhado em um manto para o seu aquecimento.

Há poucas repreensões maternas quanto a atitudes e comportamentos. Pouco aparece a cobrança dos adultos sobre o que ele pode ou não fazer. Quando o foco é o conhecimento, ele possui liberdade para explorar todos os espaços ao redor da casa e, posteriormente, do lado de fora, usando o tato.

O tato e a experimentação permitem a ele descobrir como os objetos e os seres animados funcionam e reagem aos seus movimentos, fazendo-o lidar com sensações e sentimentos, como quando ele toma o gato de estimação nos braços como se este fosse uma coisa e o arrasta pela casa sem temer ou antever a reação do animal, assim como quando ele pega o rolo de papel higiênico e o desenrola pela casa, percebendo que quanto mais puxava o papel do rolo mais ele se distanciava. São situações cotidianas que parecem surpreendê-lo, maravilhá-lo e diverti-lo.

A partir disso, conforme Bayar vai crescendo, percebe-se que ele se torna um bebê livre para conhecer o mundo no seu próprio tempo.

Conforme Bayar conquista o próprio espaço, seu irmão mais velho começa a sentir essas mudanças e Bayar se torna alvo fácil de brigas por território. Em um dado momento é

interessante ver como o irmão mais velho bate no mais novo como se entendendo exatamente que ele era a causa dos problemas entre ambos, e mesmo o fato sendo extremamente desproporcional em relação às idades a mãe não intervém, mas continua fazendo seus afazeres e deixa que os filhos se entendam sozinhos, que busquem uma solução para o problema sem a ajuda dela. E isto dá a ambos espaços para exercício da autonomia e da decisão.

A mãe, por ser uma figura praticamente esquecida nas filmagens, por estar constantemente fazendo seus serviços domésticos, possibilita que os filhos estejam livres para buscar tudo o que a curiosidade lhes propiciar. Ela não estabelece cobranças, apenas supervisiona de forma discreta e age pontualmente quando alguma situação foge ao controle da criança. E é visível que essa ação por parte da mãe gera o senso de responsabilidade na criança desde pequena; é como se o bebê já conhecesse tudo sem precisar de explicações, porque teve a experiência de viver cada situação na prática, com as próprias mãos e com o corpo depois do período de estar tolhido de movimentos pelo manto.

Possuir autonomia e liberdade para conhecer o mundo, faz com que Bayar se satisfaça com suas novas descobertas e superações, principalmente, quando conquista o domínio do equilíbrio e, sustentando-se nas duas pernas na posição vertical, fica de pé. Seu contentamento é traduzido em um sorriso de alegria para a câmera.

Mari

Mari é a filha única de um casal de japoneses que residem em meio à turbulência e agitação da zona urbana. Ela possui um gato como animal de estimação, porém não há entre os dois uma boa interação, pois Mari não se mostra interessada em brincar com o animal.

As descobertas sobre o ambiente ao seu redor e a cultura são feitas por meio de aulas de preparação e interação para pais e filhos. Essas aulas de “treinamento” realizadas por Mari se apresentam como sendo um princípio básico para desenvolver no bebê seus sentidos de percepção e estimulá-lo a conhecer as reações do corpo desde pequeno, tendo, possivelmente, também como objetivo acalmá-los. As aulas são estruturadas e sistematizadas e os procedimentos são preparados com a intenção de criar condições (a partir do ponto de vista dos adultos) de aprendizagem e de antecipar o processo de desenvolvimento dos bebês, sobrecarregando-os de informações visuais e sonoras que chegam a incomodar quem assiste o documentário.

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

Além das aulas das quais participa desde o seu nascimento, Mari também faz passeios de carrinho pelos parques da cidade juntamente com sua mãe e outras mães com seus bebês, para ter estimulada a interação social e cultural, ainda que eles não tenham proximidade corporal.

O tempo de Mari, normalmente, é controlado de forma a se enquadrar nos períodos de suas aulas e nos horários de trabalho de seus pais, que devido à correria e atribulação do dia-a-dia, estão ocupados com seus afazeres e tentam compensar dando brinquedos para a filha.

A postura do pai em relação a ela na ausência da mãe é deixar Mari sozinha ainda que perto de si e do olhar, já que ele não declina de seu trabalho no computador para dar atenção inteiramente a filha. Ele, por exemplo, não se ocupa em mostrar brinquedos que possam chamar a atenção ou que façam com que Mari pare de chorar. Já a mãe é quem leva o bebê para praticar atividades ao ar livre ou com outras companhias.

A ocupação e o trabalho à distância dos pais em parte proporcionam ao bebê a liberdade para explorar o ambiente que o cerca, porém, a exploração se limita a casa e ao que ela já conhece, sem grandes oportunidades de novas descobertas e de aguçamento da curiosidade. Mari, em seus momentos sozinha, demonstra se sentir frustrada e irritada e por, supostamente, ter sido acostumada desde o seu nascimento a estar cercada dos pais e tendo toda a atenção somente para si, estar sozinha se torna um problema, porque ela necessita de atenção e deseja isso com todo o fervor jogando-se no chão, debatendo-se, chorando e gritando desesperadamente, como se fosse um momento insustentável de sua vida.

Este fato somado com as muitas aulas que ela pratica quase diretamente, com os brinquedos que ela não brinca, mas se encontram espalhados pelo chão e os pais ocupados se movendo constantemente para todos os lados, faz com que Mari se mostre um bebê irritado em muitos momentos do documentário.

Durante seu desenvolvimento, embora tenha seus momentos de frustração e irritação, também possui seus momentos felizes e ela demonstra isso em seus sorrisos. A cada nova descoberta, Mari se maravilha e expressa o seu contentamento em suas ações, principalmente quando ela começa a dar seus primeiros passos, mostrando que de todas as etapas, esta foi sua maior superação.

Hattieuma (Hattie)

Hattie é um bebê que vive em ambiente urbano sendo filha única de um casal norte-americano.

Ela possui um gato como animal de estimação e, normalmente, passa a maior parte do seu tempo sendo observada por seus pais em cada atividade que realiza como forma de proteção e cuidado. Os pais de Hattie estão sempre presentes e direcionando seu tempo e seus passos.

Conforme Hattie vai se desenvolvendo, sua curiosidade vai se tornando, a cada dia, mais aguçada, e ela já não permanece quieta ou acata as direções dadas pelos desejos de seus pais. Ela tem curiosidade pelo mundo e isso é perceptível quando ela demonstra ter vontade própria em suas iniciativas e ações, por exemplo, em uma aula de treinamento para pais e bebês, enquanto todos estão reproduzindo atentamente todos os ensinamentos, inclusive os bebês presentes, Hattie simplesmente se levanta do colo do pai e caminha diretamente para a porta de saída e ali ela observa o funcionamento da fechadura e faz tentativas de abri-la.

Nos momentos em que Hattie não está sozinha, ela normalmente se encontra ouvindo histórias que são lidas por sua mãe ou brincando com alguns de seus brinquedos. A mãe é bastante presente no dia-a-dia de Hattie e isto faz com que acabe perdendo parte da sua autonomia para fazer por si mesma determinadas coisas, já que a mãe está constantemente próxima. Porém, mesmo dentro das suas limitações, Hattie se sente motivada para conhecer o mundo e se divertir com as novidades dele. Sua liberdade, por mais supervisionada e controlada que seja, ainda encontra meios de ampliar o que é conhecido impulsionando-a na direção daquilo que a curiosidade lhe instiga, como tentar descobrir o funcionamento de um telefone celular por meio de imitação fidedigna das ações que viu os adultos realizarem, ou até mesmo quando para em frente ao espelho, se maravilha com a visão e o toca.

Conforme o tempo passa e Hattie cresce, descobrindo e conhecendo o mundo de acordo com a sua cultura, ela se mostra um bebê que aprende enquanto faz, enquanto sente, enquanto passa por experiências. Hattie aprende que os sentidos são seus principais aliados e não hesita em demonstrar sua frustração quando a mãe pega um livro para ler que ela não quer e, incrivelmente, aprende a expor sua satisfação quando a mãe faz o que ela deseja. Hattie também demonstra grande interesse em ir ao supermercado com os pais, pois lá é onde ela se diverte com as cores, com o movimento, com aquilo que é diferente.

Como os bebês costumam manifestar satisfação com suas conquistas e avanços, Hattie demonstra que o aprender implicar saber-se diferente e em ter deslocamentos. Aprender é perceber, é saber que mudanças ocorrem em nós, nos transformando, portanto, "saber-se

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

diferente". E, ainda, implica em deslocamentos, ou seja, em sair do lugar em que se está, do confortável, daquilo que já é real para buscar o potencial.

ANÁLISES

Primeiramente, deve-se ser levado em consideração, o ambiente habitacional no qual os bebês estão inseridos, pois o documentário traz tanto a visão sobre os que vivem em um estado natural, que possui ligações diretamente com a natureza e com o corpo da mãe em processo comunitário e comunal, quanto à exposição de bebês que vivem em um ambiente modernizado, tecnológico e por vezes, artificializado.

As filmagens nos apresentam consideráveis diferenças – mas, igualmente, semelhanças - em relação aos modos de lidar com os cuidados básicos de cada bebê de acordo com a sua cultura e ambiente, como por exemplo, o bebê da Namíbia, possui uma vida totalmente livre e simples na tribo a qual nasceu. É cercado de outras crianças, animais e de várias mulheres que assumem o papel de “cuidadora” junto à mãe biológica (algo normal no cotidiano deles). Seu processo de aprendizagem se dá na observação do comportamento dos demais em sua própria vivência e as questões de higiene, são totalmente diferentes da concepção dos povos ditos civilizados.

Na Mongólia, o bebê vive uma vida no campo, também simples e livre, adquirindo desde cedo uma grande independência. É cercado de animais domésticos e pecuários, e conforme vai crescendo, vai tornando-se cada vez mais livre para explorar o ambiente onde vive, sem muita intervenção de adultos por perto. Ele sente-se livre para alimentar suas “pesquisas”, saciando suas curiosidades, como diz Loris Malaguzzi (1999), ao afirmar que toda criança é um investigador natural, um pesquisador.

Já o bebê japonês, que vive em Tóquio, e o bebê norte-americano, vivem em espaços pequenos de casa e apartamento em centros urbanos, não possuem irmãos e grande parte das suas atividades é realizada de forma intencional e programada pelos adultos. Dificilmente são deixadas sozinhas e dispõem apenas de brinquedos e livros.

O documentário, em suas diferentes partes, a todo instante traz a visão de que cada criança desenvolve sua própria autonomia de acordo com o meio onde vive, sendo assim ele nos mostra constantemente que seu foco é a independência do bebê, e a liberdade que ele recebe no ambiente ao qual está inserido é de extrema importância para sua vida e formação.

Diante da exposição dos bebês da Namíbia e Mongólia, essa liberdade e independência são totalmente visíveis por meio da presença e supervisão quase ausente do

adulto, fazendo com que a criança tenha seu próprio crescimento e conhecimento do mundo sem a intervenção frequente do outro.

O ato do adulto se colocar apenas como um mediador, como alguém em terceiro plano, deixando que o bebê fique livre para se descobrir, faz com que ele atinja sua autonomia. Porque a partir do instante em que ele descobre a si mesmo ao mesmo tempo em que descobre o mundo, passa a ter a percepção e a noção da sua liberdade de espaço, de ir e vir, além da capacidade de escolha. Sendo assim, exercita a resolução de conflitos e desafios e isso que faz dele um ser em aprendizado de independência e autonomia.

Quanto aos bebês de Tóquio e Estados Unidos, vê-se que o exercício de liberdade e conhecimento próprio são mais restritos, uma vez que a intromissão dos adultos e a diretividade no sentido do interesse no que ensinar e do que aprender são mais frequentes e desejadas. É visível a vontade e a curiosidade do bebê de conhecer o mundo com suas próprias mãos, de ter a liberdade para fazer uma ação contrária àquela que foi determinada ou indicada para que ele fizesse.

Se se toma por indagação sobre o que se aprende, quando se aprende e sobre o que acontece quando se aprende, pode-se afirmar que os espaços e os tempos configuram os lugares e a duração das oportunidades que a natureza ou a cultura apresentam aos bebês em seu processo de crescimento e desenvolvimento, com mais ou menos vagar e urgência.

Os modos como as sociedades e comunidades concebem os bebês e conduzem os processos de socialização permitem ampliar o exercício de liberdade ou restringi-la por meio de controles corporais e temporais, bem como de uso dos espaços e materiais a disposição para a exploração, contato e improviso ou “coreografado” a partir da referência dos adultos e do que os motivam e desejam ensinar (elaborando uma pedagogia de condução explícita ou oculta). Sendo assim, os bebês arriscam-se a se movimentar mais ou menos de acordo com as coerções e limites dados pelos adultos, dependendo de como a segurança é entendida diferentemente por eles. E, portanto, podem exercitar a criação quando o lugar e os materiais são desafiadores.

Quando estão próximos e em contato, os bebês têm a chance de conhecer seus limites e se colocar desafios, de experimentar sensações diversas e as reações de seus corpos, de iniciar processos de significação e de comunicação gestual e verbal, de conhecer o desconhecido, o instável, o imprevisto, o indefinido, o incerto, a surpresa. Observam, escutam, apalparam. Aprendem esteticamente. Improvisam.

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

Não participam de grupo de pares, mas estão juntos uns com os outros— logo, não têm identidade geracional -, tanto em ambientes espontâneos como nos preparados para recebê-los

Aprendem errando e por meio de tentativas e tateios, ativamente. São amadores, entusiastas e apreciadores que, aos poucos, vão se tornando experientes.

No acompanhamento longitudinal feito pelo diretor e apresentado no documentário, os bebês se constituem como seres que se levantam e se equilibram sobre os dois pés, se deslocam e exploram o ambiente ao redor, articulam gestos e sons que plasam as primeiras palavras, como diz Steiner (2007, p. 12), identificando e nomeando o mundo e as pessoas ao redor a partir das interações com os adultos e, ao perceberem, sentirem, se emocionarem, serem afetados pelo que está disponível no ambiente físico e social, elaboram sentidos e significados, construindo e exercitando o pensamento.

Três das principais revoluções que acontecem em todos os seres humanos, ou seja, andar, falar, pensar, acontecendo nesta ordem, segundo Steiner (2007). Para ele, “todo o matizado da fala é devido à organização motora. A vida se manifesta primeiramente em gestos, e os gestos transformam-se interiormente no elemento motor da fala” (Steiner, 2007, p. 13). É a movimentação de fora que se interioriza e se transforma em movimento de fala ou dito de outro modo, “(...) o falar surge do andar, do apalpar, do movimento humano, surge depois o pensar a partir da fala” (STEINER, 2007, p. 14).

De modo similar entende Vigotski (2005), pois mesmo antes de dominar a linguagem, é possível realizar e resolver problemas práticos, valendo-se de instrumentos ou meios. Desta forma, percebe-se a menção ao aspecto motor na relação com a fala, entretanto, o autor dará ênfase e privilegiará sua atenção ao aspecto simbólico e denominará esta fase de pré-verbal⁴.

É na articulação indissociável entre pensamento e linguagem que as palavras dão suporte ao ato de pensar, compreendendo e organizando o que se apresenta aos sentidos. Esse aprendizado acontece no âmbito cultural. Por priorizar o aspecto cultural e social, interacionista, Vigotski abre conversas com autores da Sociologia da Infância, como Lóris Malaguzzi, Willian Corsaro e Florestan Fernandes entre outros, que valorizam as múltiplas linguagens expressivas subjetivas e sociais das crianças, bem como a consideram atores

⁴Piaget (2012) chama de período sensório-motor. E, diferentemente, para este autor o pensamento aparece antes da linguagem e esta lhe é subordinada. Os quatro estágios de desenvolvimento lógico e as respectivas indicações etárias em que eles acontecem são os seguintes: estágio sensório-motor: de 0 a aproximadamente 18 ou 24 meses; estágio pré-operatório: aproximadamente de 2 a 6/7 anos; estágio operatório-concreto: de cerca de 7 até aproximadamente 11/12 anos; estágio formal: a partir de 11/12 anos.

sociais e produtoras de cultura (inclusive para o mundo adulto, como afirmam Delgado e Muller, 2005 e Nascimento, 2009) nos grupos de socialização (na casa, na escola e na rua)⁵.

A Sociologia da Infância, como área de conhecimento, recentemente, aborda essa categoria social, muitas vezes preterida nos estudos das Ciências Sociais e Humanas, nos séculos XX e XXI ou tratada como estatuto secundário. A ideia de infância sugere a menção e a inclusão de bebês e crianças pequenas e mais velhas (especialmente entendidas entre 0-10 anos, para o período de escolarização formal, e 0-12 anos, se tomar o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – como referência), entretanto, os bebês tendem a ser negligenciados em detrimento das crianças.

Tebet (2013), em sua tese de doutorado, parte de referenciais teóricos de língua inglesa⁶ para estabelecer uma diferenciação teórico-conceitual nas categorias criança e bebê, sob a perspectiva social composta por múltiplos referenciais teóricos, metodológicos e analíticos.

Segundo Tebet e Abramowicz (2014, p. 45)

Observamos um avanço das teorias sociológicas em relação às crianças e ao conceito de infância em especial naquilo que significou o abandono de uma concepção universal e de desenvolvimento de criança; todavia, os bebês continuam ocupando apenas uma condição marginal em tais teorias.

Portanto, as autoras assumem a especificidade e a condição dos bebês e afirmam que os bebês não são crianças.

Como primeiros apontamentos para isso elas indicam que a condição da infância como coletividade só é possível para os bebês como potencialidade,

pois a ideia de ‘geração enquanto realidade’ envolve a existência de um nexo concreto entre os participantes de uma dada geração, que não ocorre no caso dos bebês, e a noção de “estrutura” pouco contribui para o estudo da condição singular vivida pelos bebês”. (TEBET, ABRAMOWICZ, 2014, p. 47).

⁵ Sobre a Sociologia da Infância, “é interessante observar que os primeiros elementos para uma Sociologia da Infância, tanto em língua inglesa quanto francesa, vão surgirem oposição à concepção de infância considerada como um simples objeto passivo de uma socialização orientada por instituições ou agentes sociais. Finalmente, a questão central dos textos analisados por estas duas pesquisadoras aponta para a *construção social da infância* como um novo paradigma, com ênfase na necessidade de se elaborar a reconstrução deste conceito marcado por uma visão ocidental e adultocêntrica de criança. É importante destacar que a crítica fundamental diz respeito à visão de criança considerada como tabula rasa aqual os adultos imprimem a sua cultura”. (QUINTEIRO, 2002, p. 139, grifo da autora).

⁶ Como Jens Qvortrup; Leena Alanen e Berry Mayall; William Corsaro; Alan Prout entre outros, conforme indicação de Tebet (2013).

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

Essas duas características, a da geração e a de estrutura (no sentido daquilo que é comum, fixo e pré-determinado a todos os bebês), são apontadas pela teoria da perspectiva estrutural de Qvortrup e não se aplicam aos bebês.

Os segundos apontamentos partem da perspectiva de Corsaro que trata de duas noções: a de “grupo de pares” e a “culturas infantis”, sendo que também não se aplicam ou são insuficientes para os bebês, já que

todavia, a ideia de culturas de pares não se aplica aos bebês, que de acordo com Corsaro, possuem uma ação limitada nas rotinas culturais e não constituem “grupos de pares”. O uso do conceito de culturas pode ser ainda problematizado tendo-se em vista que “não existe uma única definição correta do termo cultura. (TEBET, ABRAMOWICZ, 2014, p. 49)

Segundo as autoras, Corsaro entende que as crianças são seres ativos na cultura, não se limitando a ações de imitação dos modos e repertórios simbólicos e linguísticos dos adultos, mas agindo sobre elas, imprimindo trabalho de reinterpretação, reprodução e ressignificação, que, por sua vez, impactam a cultura adulta. No caso dos bebês, estes “possuem uma ação limitada nas rotinas culturais e não constituem ‘grupos de pares’ (TEBET e ABRAMOWICZ, 2014, p. 49), entretanto, eles se singularizam, como entendem as autoras, pelo conceito de processos de singularização, sob a óptica deleuziana, sendo afetados e atravessados pelos sentidos pessoais, sociais e culturais, com o espaço e o tempo. Não são atores sociais, mas “participantes amadores”⁷.

Na perspectiva de Prout e Jenks, de orientação foucaultiana, as crianças instauram a transgressão à normatividade e à normalidade provocada pelos adultos. Mas também neste caso, os bebês escapam, pois “que esses não possuem consciência das regras que transgridem” (TEBET, ABRAMOWICZ, 2014, p. 51), critério usado por Foucault para haver o ato transgressor.

Neste tensionamento que os bebês instauram as autoras propõem entendê-los pelos conceitos de vida singular e de imanência, a partir de Deleuze,

O conceito de bebê que constituímos, portanto, é o conceito do bebê como ser singular, pré-individual. Os bebês são o devir, são exemplos de diferença e carregam consigo a potencialidade de fazer emergir novas formas de ser, de relacionar-se e de viver. Nesse sentido, são natureza (Simondon) porque ainda não assimilaram as regras e as restrições sociais do “plano de organização”, porque ainda não se configuraram como indivíduos. Estão

⁷ Termo usado por Tebet em palestra intitulada “Isto não é uma criança: bases para estudos de bebês”, proferida no VIII Seminário de Educação Sociocomunitária: processos educativos e culturais contra hegemônicos, Americana-SP, 2017.

imersos num plano de imanência e de possibilidades. (TEBET, ABRAMOWICZ, 2014, p. 53)

Os bebês ainda não estão capturados, não construíram identidades, são potencialidade e devir. Nos dizeres de Abramowicz (2015), ainda que tratando da infância, serve para se pensar os bebês a “des-idade”:

O que se quer dizer é que a experiência da infância não está vinculada unicamente à idade, à cronologia, a uma etapa psicológica ou a uma temporalidade linear, cumulativa e gradativa, já que ligada ao acontecimento; vincula-se à arte, à inventividade, ao intempestivo, ao ocasional, vinculando-se, portanto, a uma des-idade. (ABRAMOWICZ, 2015, p. 75-76)

A artista Holm (2005, 2007) que trabalha com crianças e bebês e o fazer arte entende que estes manifestam uma curiosidade natural para explorar e conhecer o mundo pelas sensações e percepções do que se encontra disponível a sua volta.

Ela identifica cinco elementos que não podem ser limitadores a essa exploração: o espaço, o corpo, o material, o tempo, o adulto. Como ela pensa na potência da energia criativa dos pequenos, propõe que tenham condições e acesso a

estar num espaço desafiador; a disponibilidade para o corpo se movimentar livremente; a decisão pessoal da criança de onde ficar na sala; a escolha de materiais pela criança; a oportunidade de experimentar; o controle de tempo; a conversa, o bate-papo; a liberdade da criança para ser ela mesma. (HOLM, 2004, p. 84).

Os bebês e as crianças são, para ela, seres exploradores, pesquisadores e se sentem desafiados quando o ambiente é estimulador. Nessa exploração acontecem aprendizados.

Esse aprendizado como forma de acontecimento (ZIZEK, 2017) que rompe, que abala, que inaugura algo na vida cotidiana e que gera mudança, deslocamento, tem como “característica básica o surgimento surpreendente de algo novo que solapa qualquer esquema estável”. (ZIZEK, 2017, p. 4).

Para tanto, necessita-se de uma atividade de criação e de energia sinérgica que, para os bebês, especialmente, se dá via improvisação, que é a condição de transgredir, inovar, desviar as rotas, as regras, as formas, as técnicas pré-estabelecidas pela cultura, pelas instituições, pelos adultos. É o “atrevimento de tomar uma rota desconhecida ou inexplorada... [...] de fazer surgir algo onde antes existia outra coisa”. (ECOOSFERA, 2018, s/p, tradução nossa)

Essa condição de curiosidade e de exploração, de investigação, de improvisação pode permitir a eles o acontecimento da experiência, da abertura para, como “[...] cantos épicos,

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde”, como escreve Larrosa (2015, p. 10) e que, em certa medida, cabe para os pequenos.

Acreditando ser possível a experiência para os bebês e para as crianças, considerando a relação entre andar, falar, pensar, referida acima, bem como a interconexão entre linguagem e pensamento, também referida anteriormente, Larrosa (2015, p. 12) assim a considera,

[...] tratei de construir a experiência como uma categoria vazia, livre, como uma espécie de interrupção, ou de quebra, ou de surpresa, como uma espécie de ponto cego, como isso que nos acontece quando não sabemos o que nos acontece e, sobretudo, como isso que, embora nos empenhemos, não podemos fazer com que nos aconteça, porque não depende de nós, nem de nosso saber, nem de nosso poder, nem de nossa vontade.

E, em outro aspecto que se aproxima dos bebês e das crianças é

[...] a categoria de natalidade, ou de começo. Às vezes é a categoria de liberdade, ou de emancipação. Às vezes é a categoria de diferença, ou de alteridade, ou de acontecimento. Às vezes é a categoria de abertura, ou de catástrofe. Em qualquer caso, uma categoria que tem a ver com o não-saber, com o não-poder, com o não-querer. (LARROSA, 2015, p. 12)

Pensar a possibilidade da experiência para os bebês é considerar que ela acontece ainda que eles não se deem conta, mas instigados pela maior flexibilidade e plasticidade. Mas a não tentativa de se impor sobre algo, de antecipação, de controle, mas de atenção e abertura, permite considerar que ela exista e aconteça.

Essa experiência dá ensejo ao conhecimento do mundo, em uma relação do sensível com o inteligível, como diz Duarte Junior (2012). O sensível é da dimensão dos sentidos por meio dos quais “o mundo é saboreado, seus sons, cores, odores, texturas e sabores” (p. 363), ou seja, pelo corpo e pelas emoções. Esse encontro do corpo com o mundo é estético, que advém de estesia (sendo seu oposto a anestesia). (DUARTE JUNIOR, 2012, p. 363).

Então, em suas explorações e investigações, os bebês apreendem e aprendem o mundo esteticamente, sendo afetados em suas sensibilidades. Ao assistir o documentário, é possível perceber no cotidiano dos bebês, ao longo do tempo, como esses conceitos e ideias dos autores selecionados servem de chaves de interpretação para se conhecer para além da perspectiva do adulto, observando-os com atenção, pois

Buscamos com vigor novos caminhos por onde ir, por onde conduzir a humanidade. E quando, diante de uma criança, temos a máxima chance, única possível, que nunca se repete idêntica a si mesma, de simplesmente não dilacerar seu coração, que é corpo, razão, afeto todo misturado, desperdiçamos. (FERRO, 2017, p. 13)

E sobre o aprender motivado pela curiosidade e pela exploração ou pesquisa investigativa deles, sem a intenção do ensino ou apesar dele, pois

O ensino sempre está onde nós não estamos. O ensino zomba do presente. Murcha possibilidades. Resolve problemas, prepara o futuro passo a passo, promove estabilidade. No desenvolvimento promovido pelo ensino evoluímos progressivamente de um estado estável a outro estado estável. A estabilidade não é própria da vida. Estabilidade é morte. (FERRO, 2017, p. 27)

O aprender acontece à revelia das intenções do ensino, na medida em que não há como se garantir, por algum método, estrutura ou programa organizativo, um caminho que leve o outro aonde se deseja. Da mesma forma, toda aprendizagem é sempre pessoal e única, ainda que, muitas vezes, os adultos se empenhem, por condução e normatização, em ensinar o mesmo para muitos, em grupos de pares.

CONSIDERAÇÕES

O documentário escolhido traz grande riqueza de informações a serem estudadas no que diz respeito ao que podem as crianças e ao que os adultos podem aprender com elas.

O que para algumas sociedades e comunidades é tido como correto moralmente e culturalmente necessário de ser transmitido, para outras não aparece, pois, a concepção do que são os bebês varia de época e de lugar. Entretanto, nas quatro culturas apresentadas e nos grupos focalizados, o investimento feito pelos adultos em seus bebês leva em conta o bem comum, o afeto e a manutenção de tradições que visam o desenvolvimento e a integração do novo integrante da família e dos novos seres no mundo.

Pedagogicamente, ao observar o vídeo e o comportamento de cada um dos bebês, pode-se entender a aprendizagem acontecendo conforme estes agem sobre o mundo, sobre si e com os outros, produzindo seu próprio conhecimento e se incluindo no universo organizado pelos adultos que o precederam. Neste sentido, o aprender se configura em acontecimento.

Observar e conhecer como os bebês se constituem e os processos e práticas de aprender, por meio de tateio, erro e improvisação envoltos em diferentes culturas a que se pode ter acesso pela via da linguagem documental e do acompanhamento longitudinal, serve de referência para se repensar a postura dos adultos no trato com os bebês, especialmente em contextos familiares e institucionais escolares, de modo a deslocar pensamentos, posturas e lógicas já instauradas e impostas numa relação assimétrica de saber-poder e,

O QUE NOS DÁ A CONHECER E PENSAR O DOCUMENTÁRIO “BABIES”?

costumeiramente, centrada nos interesses e lógica dos adultos. Desta forma, o acontecimento, como inauguração de algo novo e de ruptura também se dá para os adultos, assumindo repercussões e ressonâncias culturais, históricas, sociais e comunitárias.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. A Criança, a infância e a sociologia da infância. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. **Programa Curumim: memórias, cotidiano e representações**. São Paulo: Edições SESC, 2015. P. 73-94.
- ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e Sons: a nova cultura oral**. São Paulo: Cortez, 1994.
- DELGADO, Ana Cristina C.; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, maio/ago, 2005.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- DUARTE JUNIOR, João-Francisco. Entrevista. **Revista Contrapontos**, vol. 12, n. 3, p. 362-367, set-dez, 2012.
- ECOOSFERA. **Laimprovisación musical y lossueñossonunmismoproceso cerebral**. Disponível em: <<http://ecoosfera.com/2018/01/la-improvisacion-musical-los-suenos-mismo-proceso-cerebral-estudio/>>. Acesso em: 07 fev, 2018.
- FERRO, Carla. **É necessário o impossível**. São Paulo, 2017.
- HOLM, Anne-Marie. A energia criativa natural. **Revista Pro-Posições**, Campinas, UNICAMP, v. 15, n. I (43), p. 83-95, jan/abr, 2004.
- _____. **Baby-art**, os primeiros passos com a arte. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), 2007.
- _____. **Fazer e pensar arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), 2005.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MALAGUZZI, Lóris. **As Cem Linguagens da Criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- NASCIMENTO, Maria Letícia B. P. Sociologia da Infância e Educação Infantil: algumas considerações sobre a aproximação entre essas duas áreas na pesquisa sobre a pequena infância. **Horizontes**, v. 27, n. 2, p. 31-36, jul/dez, 2009.
- QUINTEIRO, Jucirema. Perspectiva. Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate. **Florianópolis**, v.20, nº Especial, p. 137-162, jul/dez, 2002.
- STEINER, Rudolf. **Andar, falar, pensar**. A atividade lúdica. São Paulo: Antroposófica, 2007.
- TEBET, Gabriela G. de C. **Isto não é uma criança! Teorias e métodos para o estudo de bebês nas distintas abordagens da sociologia da infância de língua inglesa**. 2013. 160 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- TEBET, Gabriela G. de C.; ABRAMOWICZ, Anete. O bebê interroga a sociologia da infância. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 41, p. 43-61, jan/abr, 2014.
- VIGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- ŽIŽEK, Slavoj. **Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.